

Nota de abertura

Sendo verdade que a relação do homem com o espaço constitui um dos vetores preponderantes da literatura, a reorientação dos estudos literários no sentido da sua renovada aproximação ao “real”, identificada por alguns como o *spatial turn*, veio dar visibilidade a novas territorialidades teóricas, críticas e ficcionais.

Os *estudos urbanos* constituem um dos ramos em que se desenvolvem hoje os estudos sobre os espaços literários. Tais estudos integram perspectivas interdisciplinares sobre a realidade urbana, nas quais se cruzam discursos vários, não forçosamente antagónicos, mas contribuindo todos, de algum modo, para o palimpsesto em que se constroem as cidades. Do historiográfico ao urbanístico ou ao arquitetónico, do literário ao filosófico, do poético ao artístico ou ao performativo, entre tantos outros, são esses discursos que conferem legibilidade à cidade. Entidade viva que o tempo metamorfoseia ao sabor de circunstâncias naturais por vezes imprevisíveis, ou de opções políticas que a alteram por vezes também irreversivelmente como espaço identitário, a cidade, real ou imaginária, oferece ao estudioso perspectivas de abordagem que não esgotam a simbologia da sua tessitura, nem o carácter multifacetado da sua experiência.

Reúnem-se nesta publicação algumas propostas de estudo de teor comparatista em torno de cidades que se erguem em meridianos vários, desde Nova Iorque a Luanda, ou que desenham elas próprias os seus meridianos, elaborando novos espaços semióticos. Assim acontece com as *cidades invisíveis* de Calvino, que Thomas Jonas aborda à luz das cidades de Paris e Berlim de Walter Benjamin. As cidades revelam-se então para o autor de “Sur les Villes Invisibles de Walter Benjamin et Italo Calvino (et les passages où ils se rencontrent)” como o espaço do estranhamento do *flâneur* que deambula pelas margens do Reno ou do Sena delineando uma particular relação entre linguagem e espaço urbano.

A cartografia imaginária de Lisboa ocupa La Salette Loureiro, leitora atenta das configurações plurissensoriais da cidade para Bernardo Soares. Uma dimensão redentora da cidade se oferece então, para a autora de “Lisboa no *Livro do Desassossego*: Entre o real e o irreal”, ao protagonista da ficção crítica pessoana, que nela circula ao sabor da geografia emocional em que configura a sua relação topofílica com a cidade.

É também em torno de geografias urbanas imaginárias, e emocionalmente conotadas, que escreve Anikó Sohár, em “Ankh-Morpork. The City as Protagonist”. Ankh-Morpork assume-se, para a autora, como o hipertexto eventual da cidade de Budapeste, espaço oniricamente criado por Sir Terry Pratchett na série romanesca de ficção-científica e do fantástico, *Discworld*. Estatuto urbano que Anikó Sohár analisa segundo uma abordagem narratológica de outras cidades ficcionais, nomeadamente Nova Iorque, cartografada em *Winter’s Tale* (Mark Helprin), ou Londres, em *Neverwhere* (Neil Gaiman).

Já François Weigel, no seu estudo “Curitiba: Représentation d’une ville opaque et discrète”, transporta o leitor para o hemisfério Sul, centrando-se sobre um tópico corrente na temática urbana: o das cidades industriais. Debruça-se em particular sobre o romance *O Fotógrafo*, de Cristóvão Tezza, na busca da originalidade com que esta obra escapa aos lugares comuns sobre o Brasil.

Em “Escrever (n)as Fonteyras: A (re)invenção de Luanda na ficção de José Eduardo Agualusa”, Ana Margarida Fonseca abre a reflexão à urbanidade pós-colonial angolana, na obra de um escritor para o qual a espacialidade assume uma centralidade romanesca determinante. À distância da consciência histórica de Agualusa, Luanda surge nos romances em estudo, *Barroco Tropical* e *Teoria Geral do Esquecimento*, como um espaço híbrido de fronteira entre passado e presente, que interroga o equilíbrio instável onde se define a complexidade da cidade actual.

O sentimento de topofilia que liga alguns escritores europeus, nomeadamente escritores belgas francófonos, contemporâneos, à cidade, é objecto da atenção de José Domingues de Almeida em “Marcher, Flâner, Écrire... Avec le Plan des Villes en Main. La *Topophilie* urbaine chez Grégoire Polet et Jean-François Dauven”. Tendo em comum um discurso romanesco que se exprime preferencialmente no presente do modo indicativo, o autor interessa-se pelo alargamento da cartografia urbana, no caso destes dois

escritores, às grandes capitais europeias. Elos emocionais gerem as representações das cidades por ambos os romancistas, que convidam a uma leitura intertextual das duas obras em apreço, respectivamente, *Ceux qui Marchent dans le Villes* (Dauven) e *Madrid ne Dort pas* (Polet).

São pois estes os contributos críticos que aqui se oferecem, permitindo dar a ver e refletir sobre diversas poéticas urbanas contemporâneas, ilustrando afinal a pertinência da abordagem do texto literário para os *estudos urbanos*.

Ana Paula Coutinho

Gonçalo Vilas-Boas

Jorge Bastos da Silva

Maria de Fátima Outeirinho

Maria Hermínia Laurel